

## José Craveirinha: revolta contra o estado de colônia e perspectiva Pós-colonial

André BONIATTI<sup>1</sup>

### Resumo

Maior dos poetas de Moçambique, como o clamam em suas terras, José Craveirinha é voz de protesto frente ao estado colonial, resultando-lhe poesia de força lírica imarcescível. Seus poemas fazem denúncia de um processo massacrante de imposição cultural, que levou o homem colonizado à proposta de redução absoluta de sua cultura ao *status quo* do colonizador. Assim, em poemas como “África”, “A boca”, “Cantiga do batelão” e “Poemeto”, traz à tona ardentemente o tom de recusa à submissão, apontando para um levante em razão da superação de seu estado de aprisionamento cultural. Refletindo em meio à luta anticolonialista em Moçambique, as ideias Pós-coloniais, traçadas por autores como Frantz Fanon e Homi K. Bhabha, entre outros. O presente estudo direciona-se a demonstrar como as teorias pós-colonialistas podem encontrar no poeta de análise um suporte. Ademais, a demonstrar esses aspectos presentes fortemente na obra de nosso poeta, fazendo-o uma vez mais, em seu mérito, brilhar.

**Palavras-chave:** José Craveirinha. Poesia. Pós-colonialismo.

### Abstract

Greatest poet from Mozambique, as he is called in his Country, José Craveirinha establishes himself as a voice of protest against the colonial state. His poetry reports an abusive process of cultural imposition, which led colonized man towards the proposed absolute reduction of his culture to the colonizer's *status quo*. So, in poems like “África”, “A boca”, “Cantiga do batelão” e “Poemeto”, brings out the ardent tone of refusal to submission, pointing to a battle with all his forces towards his cultural imprisonment's overcoming. Reflecting in the anti-colonial struggle in Mozambique the Postcolonial ideas, outlined by authors like Frantz Fanon and Homi K. Bhabha, among others. The present study demonstrate how postcolonial theories can find in the poet a support. Furthermore, it intends to demonstrate these aspects present strongly in the work of our poet, making him once again to shine on his merit.

**Key-words:** José Craveirinha. Poetry. Post-colonialism.

---

<sup>1</sup> Mestrando em Literatura Comparada pela Universidade Estadual do Oeste do Paraná (UNIOESTE). E-mail: zeforis@hotmail.com

## Introdução

Poeta de Moçambique, José Craveirinha enfrenta o período colonial e sua superação, participando dos movimentos de independência, contra a aculturação e a submissão proposta por poderes abusivos, via preconceito, racismo e discriminação, entre outros fatores. A independência política é conquistada por seu país em Julho de 1975, após 10 anos de luta, com cessar fogo em 1974, logo que Portugal é destituído do regime salazarista, pela Revolução dos Cravos, em Abril do mesmo ano. Portanto, o contexto por que passa (junto de seu povo) reflete, além de um estado de ditadura e repressão, o massacre promovido pela brutalidade colonizadora, repetida em tantas partes do mundo, sobre tantos e tantos povos que discerniam do conceito de civilização, cunhado com o propósito universalista de criação de um modelo de progresso, que congrega outros modos de vida que dele difiram à submissão e aculturação.

De qualquer forma, embora seu forte envolvimento na política de resistência contra o estado de colônia, se há contra o que realmente Craveirinha se manifeste, está no abuso contra a sua humanidade, como cidadão e como povo (o que leva sua poesia para além da africanidade, da negritude, e a lança a um contexto universal acima até mesmo de seu contexto sociopolítico). É dessa falácia, pois então, que supõe uma raça e um hábito de vivência superior a outro, de que nasce a imarcescível poesia do moçambicano pai da escrita nacional de seu país, como o afirmam escritores do porte de Mia Couto<sup>2</sup>. E nasce de forma tão abundantemente apaixonada, que o leva até mesmo à prisão. Por outro lado, tão abundantemente literária, artística, que lhe lega a imortalidade, visto não parecer sua poesia perecível aos olhos de seus admirados e dos leitores que se aventurarem pelas páginas nocivas, de tão grandiloquentes, que desenha na história da literatura.

---

<sup>2</sup> BRITO, Glória de. **As vozes poéticas de José Craveirinha**. Acessível em: [http://www.pluralpluriel.org/index.php?option=com\\_content&view=article&id=242:as-vozes-poeticas-de-jose-craveirinha&catid=75:nd-6-litteratures-africaines-de-langue-portugaise&Itemid=55](http://www.pluralpluriel.org/index.php?option=com_content&view=article&id=242:as-vozes-poeticas-de-jose-craveirinha&catid=75:nd-6-litteratures-africaines-de-langue-portugaise&Itemid=55). Acessado no dia 18 de Julho de 2014.

No presente artigo, buscar-se-á entrar no mundo poético desse autor, em busca do veio que o liga à escritura pós-colonialista, examinando poemas como “África”, “A boca”, “Cantiga do batelão” e “Poemeto”. A recolha dos versos deu-se a partir da leitura da antologia poética organizada por Ana Mafalda Leite, já que sua bibliografia, como um todo, é difícil de ser encontrada no Brasil. Entretanto, foram selecionados poemas que traçam como um fio toda a sua carreira, embora poemas sempre voltados ao cunho político, ignorando obras como “Maria” e “Poemas eróticos”, por exemplo. O conteúdo baseia-se, pois, exclusivamente na poesia que o liga às transformações e reflexões intituladas pós-coloniais, seguindo o que diz, por exemplo, Thomas Bonnici (2009) sobre esse tipo de manifestação crítica: “A teoria e a crítica pós-colonialistas, constituindo uma nova estética pela qual os textos são interpretados “politicamente”, baseiam-se na íntima relação entre o discurso e o poder”...

As forças políticas e econômicas, o controle ideológico e social subjazem ao discurso e ao texto. É evidente que o poder, com todas as suas consequências, é exercido para que surta o máximo efeito possível. Gerações de europeus se convenciam de sua superioridade cultural e intelectual diante da “nudez” dos ameríndios; gerações de homens, praticamente de qualquer origem, tomavam como fato indiscutível a inferioridade das mulheres. Nesses casos, estabeleceu-se uma relação de poder entre o “sujeito” e o “objeto”, a qual não reflete verdade. (BONNICI; ZOLIN, 2009, p. 257).

Assim, buscando em Craveirinha tais nuances entre preconceito e vaidade colonizadora, adentra-se aqui num mundo revoltoso, abundante de um desejo de transformação, movido por uma legenda sempre violenta, em detrimento da violência sofrida por séculos de imposição cultural. É a resposta que este poeta dá aos seus “agressores” o que mais nos importa, em face de desvendarmos seu lirismo mediante sua forte imersão política. Dessa maneira, espera-se atingir o objetivo de desnudar as contravenções coloniais entre sujeito e objeto, colonizado e colonizador, permitindo refletir desde a paz à inversão violenta dos papéis entre ambos.

## **Revolta contra o estado de colônia e perspectiva Pós-colonial**

A poesia de protesto de José Craveirinha, — a qual bem poderia ser como a de muitos de seu tempo, breve (quando imersas apenas na revolução, e não

especificamente na arte literária) —, entra em extrema consonância com os modernos estudos pós-coloniais. Há uma grande compatibilidade entre os seus versos e a obra de Frantz Fanon, bem como os escritos Homi K. Bhabha e, em certos aspectos, até mesmo com Walter Mignolo; enfim, com os escritores pós-coloniais; pois o poeta não se lança na luta contra o racismo, singularmente, mas contra toda imposição de uma ordem — dita superior — sobre outra, seja relativa a credo, religião, cor, nacionalidade, ou que quer que seja; lança-se contra a colonização e o desejo impossível de aculturação. Sim, pois sua poesia é universal, desde os versos mais líricos, de amor, de tenuidade, de erotismo, até esses que aqui estarão, cânticos de força, resistência e afirmação de identidade.

Nesse sentido, da firma de uma identidade nacional, o poeta é, ao tempo que irônico, sagaz, impactante e clamoroso. Acompanhando o que diz Sartre no prefácio escrito ao livro “Os condenados da terra”, de Frantz Fanon (1979): “nenhuma suavidade apagará as marcas da violência; só a violência é que pode destruí-las”, o mesmo pensamento parece atingir os versos de Craveirinha, que traça um processo alquímico de superação das mazelas sofridas em forte levante interior contra a submissão, mas como que houvesse o coro de toda uma Nação em sua voz, ou de mais de uma nação. Mostra-se cansado, como sua terra; arrancado de seu chão; violentado. De certa forma, nele concretiza-se a asserção que faz Bhabha (1998), acerca de Frantz Fanon, quando analisa o mau olho que acompanha colonizado e colonizador, propondo um “rastros resistente” que incita o desejo da inversão de papéis entre ambos... Desejo este mantenedor, sobretudo, da identidade de ambas as personagens, que findam por entrelaçarem-se e que passam a necessitar desse embate, em virtude de constituírem-se como seres, como indivíduos: a afirmação da identidade de um é a resistência à cultura do outro, — ou a resistência ao outro, simplesmente. Entretanto, o ponto onde o outro está deixa-o sempre a se constituir, sempre a amoldar-se em face da recusa e da afirmação, do desejo e de sua projeção como imagem em outro lugar (o que é sempre uma posição instável, já que é um desenho sonhado, não realizado, uma imagem psíquica):

Para a identificação, a identidade nunca é um a priori, nem um produto acabado; ela é apenas e sempre o processo problemático de acesso a uma imagem da totalidade. As condições discursivas dessa imagem psíquica da identificação serão esclarecidas se pensarmos na arriscada perspectiva do

próprio conceito da imagem, pois a imagem - como ponto de identificação - marca o lugar de uma ambivalência. Sua representação é sempre espacialmente fendida - ela torna *presente* algo que está *ausente* - e temporalmente adiada: é a representação de um tempo que está sempre em outro lugar, uma repetição. (BHABHA, 1998, p. 85).

Face ao excerto acima, entende-se um processo ambicioso, que tende sempre ao conflito, já que é conflitando a minha imagem com a de outrem que me entendo a mim — principalmente em oposição —, afirmando um Eu. Contanto, esse processo, como acima dito, ambivalente, lança o ser a uma fenda, a um ponto a alcançar, entre eu, o outro e o eu no lugar do outro; é a minha imagem possível que se desenha a meus olhos. Contudo, talvez, a não ser alcançada nunca, restando o ressentimento e a constante tensão, que levará ao ódio:

Possessos de sangue  
em abrenúncios  
de gritos

Ao rosnar  
da súcia,  
em *de profundis* de facas.  
(CRAVEIRINHA, 2010, p. 106)

No poema acima, intitulado *De profundis*, — expressão latina que significa “das profundezas”, salvaguardada dos Salmos bíblicos, especificamente o de número 130, e que costuma ser entoado em cerimônias fúnebres e ofício dos mortos; o autor assina o seu decreto de desobediência e incha o peito de sentimento pátrio, “abrindo o anúncio” de, quem sabe, uma nova Nação a cristalizar-se, não pacificamente, mas “ao rosnar da súcia”, de dentro da dor e da morte propostas pelo desejo branco europeu *civilizado* de imersão e afogamento da cultura alheia: “em *de profundis* de facas”. Se, por um lado, vislumbra-se uma utopia, identificada ademais em outros poemas do autor, em nenhum momento vislumbra-se entretanto a passividade. Emerge-se, na verdade, um canto de tribo, masculino, um canto de guerra, velado cautelosamente.

O próprio encontro com a identidade, o afirmar-se frente ao outro interpõe-se reativo — e necessário, ou pelo menos contínuo:

Cada vez que o encontro com a identidade ocorre no ponto em que algo extrapola o enquadramento da imagem, ele escapa à vista, esvazia o eu como lugar da identidade e da autonomia e - o que é mais importante - deixa um rastro resistente, uma mancha do sujeito, um signo de resistência. Já não

estamos diante de um problema ontológico do ser, mas de uma estratégia discursiva do momento da interrogação, um momento em que a demanda pela identificação torna-se, primariamente, uma reação a outras questões de significação e desejo, cultura e política. (BHABHA, 1998, p. 83 e 84).

Como reativa, a identidade pressupõe a tentativa de inversão, já que “A identificação, como inferimos dos exemplos precedentes, é sempre o retorno de uma imagem de identidade que traz a marca da fissura no lugar do Outro de onde ela vem” (BHABHA, 1998, p. 77) e “o homem negro quer o confronto objetificador com a alteridade” (BHABHA, 1998, p. 86). Pois então, “É sempre em relação ao lugar do outro que o desejo colonial é articulado: o espaço fantasmático da posse, que nenhum sujeito pode ocupar sozinho ou de modo fixo e, portanto, permite o sonho da inversão dos papéis” (*idem, ibidem*, p. 76). Craveirinha, por sua vez, entende o embate e clama:

Se me visses morrer / os milhões de vezes que nasci // Se me visses chorar / os milhões de vezes que te riste... // Se me visses gritar / os milhões de vezes que me calei... // Se me visses cantar / os milhões de vezes que morri / e sangrei... // Digo-te irmão europeu / havias de nascer / havias de chorar / havias de cantar / havias de gritar // E havias de sofrer / a sangrar vivo / milhões de mortes como Eu!!! (CRAVEIRINHA, 2010, p. 27).

No poema “Cantiga do batelão”, obviamente referindo-se (em seu primeiro livro, “Xibugo”, de 1964) às embarcações que levavam africanos à escravidão, a inversão dos papéis entre colonizador e colonizado é predita como utopia, ou profecia, em desejo que perpassasse o povo africano que, sofrendo quieto as mazelas a ele impostas sob força bruta, firmava silencioso ali o mesmo canto dos quilombos, ou melhor, o brado de retorno em vingança frente a tais inumanidades. Em face de que o seu malfeitor (o homem europeu) desenha-lhe a ele a imagem do animal, não lhe permitindo ser homem, nem ter qualquer semelhança que lhe possa legar direitos humanos: “uma vez que ninguém pode sem crime espoliar seu semelhante, escravizá-lo ou matá-lo, eles dão por assente que o colonizado não é o semelhante do homem” (SARTRE, in: FANON, 1979, p. 9). E Craveirinha, acompanhando rebelado tal colocação, comenta com naturalidade, tal como ocorre na voz do colonizador, no poema “Ninguém”, o infortúnio do homem negro (o qual definirá como dicotômico em relação ao conceito de progresso):

Andaimes / até ao décimo andar / do moderno edifício de betão armado. // O ritmo / florestal dos ferros erguidos / arquetonicamente no ar / e um transeunte curioso / que pergunta: / — Já caiu alguém dos andaimes? // O pausado ronronar / dos motores a óleos pesados / e a tranquila resposta do senhor empreiteiro: / — Ninguém. Só dois pretos. (CRAVEIRINHA, 2010, P. 35)

Neste ponto creio que entramos mais profundamente na poesia de protesto, assim a chamemos, de nosso poeta em análise: o seu *grito negro* refere-se justamente à submissão inumana legada ao homem negro, imposição que desconsidera a sua origem, sua história, cultura, religião; impondo-lhe um *modus vivendi* diverso do seu como única forma de vida, como única verdade, atribuindo erro a tudo o que ele seja até então. Claro que tal possibilidade, a do erro, a do pecado, jamais poderia ser assimilada pelo colonizado, apenas pelo colonizador que impõe pela força o seu massacre cultural, mediante o etnocídio<sup>3</sup>. Quando o poeta afirma, ao final dos versos da cantiga, o “Eu!!!” em letra capital, acompanhado de exclamações exacerbadas, não quer senão chamar a atenção, enfaticamente, para a resistência cultural de seu povo, que jamais pode se apagar, a cultura, pois é parte de si, o constitui como ser. Note-se ainda a falta de vírgula obstruindo o vocativo em “Digo-te irmão europeu”, própria da veia utópica já pacífica do Craveirinha, presente em versos como os de “Poema do futuro cidadão”: ao tempo que se supõe uma fala direcionada ao irmão europeu, supõe-se que ele o considera irmão (“digo-te irmão”), revelando o desejo de as mãos entrelaçarem-se e o conflito findar em paz, em fraternidade. Possível, contanto, apenas quando a ferida do ódio puder ser cessada pela comunhão, pela ausência de imposições ou supremacias etc..

Tal utopia, entretanto, põe-se ao longe, distante. Por hora, incha-se sim a denúncia do absurdo colonizador, a suprimir o homem africano da própria raiz africana a que se liga:

Jucunda boca  
deslabiada a ferozes  
júbilos de lâmina  
afiada.

---

<sup>3</sup> Etnocídio é um termo discutido e cunhado por antropólogos e trazido à luz, neste artigo, diante da exposição de Pierre Clastres (2011), em “Arqueologia da violência: pesquisas de antropologia política”, em que o define como o assassinio da alma, da cultura, do outro, dizendo-o por meio de parcas palavras.

Alva dentadura  
antônima do riso  
às escâncaras desde a cilada.

Exotismo de povo flagelado  
esse atroz formato  
da fala.  
(CRAVEIRINHA, 2010, p. 109).

O poema acima, “A boca”, traça precisamente o processo de imposição etnocida proposta pelo homem branco europeu: ora, a boca, trazendo à tona o ato da fala, a língua, monumento cultural de um povo, *alegre*, é “deslabiada”, violada pela força, mediante o júbilo colonizador (que regozija estar plantando o bem, submetendo o outro ao erro, ao pecado). A “cilada”, o ato enganoso do europeu, submete à dor o antes riso africano e formata sua fala, corrompendo, pela obrigação brutal, o seu próprio aparelho fonador, a identidade do seu ato comunicativo, biológico e cultural. Mas a proibição jamais será aceita passivamente, já que é impossível moldar um homem, arrancando-lhe de sua terra e exigindo-lhe que seja outro que não o que é. E tais contradições supõem-se, além do mais, pelas constantes antíteses dos versos acima, ou melhor, paradoxos, ideias indissociáveis que revelam a tensão vivida pelos contraditos. Deveras, o levante se dá pela verdadeira exigência que se pauta, de que o negro não fosse o branco, mas que não fosse nem homem, que não tivesse raiz, que se fizesse animal sem identidade senão biológica. Absurda a colocação, o homem negro é forçado a rebelar-se, unindo-se por um vínculo nada tênue, o liame de sua identidade a ser alcançada, ou mantida, sua fé, sua crença, seu eu cultural, sua liberdade.

Na cidade calada à força  
agora falamos mais.

Que para violar este silêncio  
basta porem-nos juntos  
na prisão.  
(CRAVEIRINHA, 2010 p. 82).

Os versos acima, do “Poemeto”, falam por si só. O contexto de transição do estado colonial para a independência é que os marcam, inscritos em “Cela I” tardiamente, em 1980. Mas a coragem e a rebeldia demarcam sua poesia desde o



primeiro livro, o já citado “Xibugo”<sup>4</sup>, em que se destaca seu grandiloquente poema intitulado “África”, no qual desnuda o sofrimento por que passa o seu povo, indignado, clamoroso por libertação. Ao seu início, ressalta-se, como anteriormente no poema “A boca”, o ato da fala e o saudosismo frente à quase extraviada língua-mãe que lhe é negada:

Em meus lábios grossos fermenta  
a farinha do sarcasmo que coloniza minha Mãe África  
e meus ouvidos não levam ao coração seco  
misturada com o sal dos pensamentos  
a sintaxe anglo-latina de novas palavras.  
(CRAVEIRINHA, 2010, p. 16).

O poema anuncia-se, pois, mediante o ressentimento frente à imposição cultural, ao negro estendida, clamando, logo então, em sarcasmo, a submissão a crenças e valores. Além do mais, a imposição de uma cultura que nada tem com a sua e que, tal como a “sintaxe anglo-latina”, não repercute em seu coração, pois nada significa a ele: “e encham-me de sons que não sinto / das canções das suas terras / que não conheço. // E dão-me / a única permitida grandeza dos seus heróis” (CRAVEIRINHA, 2010, p. 16). E o poeta corrompido ergue-se contra a noção de civilização, conceituada como *modus vivendi* ideal aos homens, em face da ideia de um progresso redentor. Assim, traz à tona símbolos que o denotam, tais como: “a glória dos seus monumentos de pedra”, — que no contexto aparece de forma irônica e pode remontar ao poema anteriormente citado “Ninguém” —, seguido de “Rolls-Roice” e “casas de passe”, ou seja, prostíbulos. Segundo Norbert Elias (1990),

(...) o conceito de civilização minimiza as diferenças nacionais entre os povos: enfatiza o que é comum a todos os seres humanos ou — na opinião dos que o possuem — o que deveria sê-lo. Manifesta a autoconfiança de povos cujas fronteiras nacionais e identidade nacional foram tão plenamente estabelecidos, desde séculos, que deixaram de ser tema de qualquer discussão, povos que há muito se expandiram fora de suas fronteiras e colonizaram terras muito além delas. (ELIAS, 1990, p. 25)

Desta mão, compreende-se que o homem europeu, imerso sob um contexto em que se valora fortemente a civilidade, executando a sua lei como única e acercando o outro, o estranho, como errado, como pecador, como aberração mormente; dá-se a

---

<sup>4</sup> O título refere-se a uma dança moçambicana nativa. “Xibugo” tem publicação datada do mesmo ano em que a guerra contra Portugal inicia-se. O próximo livro será “Karingana ua karingana” (era uma vez), de 1974, ano em que há o cessar fogo.

missão como a de salvador, que vem remir o mundo. Daí talvez se acentue a fúria do poeta sobre o progresso, crido pela civilização ocidental, herança positivista, como avanço.

e nos seus olhos ofuscados pelos clarões metalúrgicos  
extinguiu-se a eloquente epidérmica beleza de todas  
as cores das flores do universo  
e já não entendem o gorjeio romântico das aves de casta  
instintos de asas em bando nas pistas do éter  
infalíveis e simultâneos bicos trespassando sôfregos  
a infinita côdea impalpável de um céu que não existe.  
(CRAVEIRINHA, 2010, p. 18).

José Craveirinha não verá, como já foi mostrado, esse progresso de metal e betão como um avanço, mas como o contrário de sua veia pátria, como uma forma com que o homem corrompe a natureza simples da vida africana, ligada à natureza, ao paganismo e à simplicidade tribal. Quando, ao evocar imagens românticas, tal qual nos versos acima, elucida muito mais o instinto e a emoção, tanto quanto um retorno à primitividade, ao natural. Já que é a crença numa civilização, ancorada numa ideia religiosa de certo e errado, maniqueísta, que escraviza o homem negro, que coloniza o colonizado. E a imposição religiosa afirma-se severa em “Amam-me com a única verdade dos seus evangelhos” e, logo após:

Ajoelham-me aos pés dos seus deuses de cabelos lisos  
e na minha boca diluem o abstracto  
sabor da carne de hóstias em milionésimas  
circunferências hipóteses católicas de pão.

E em vez de meus amuletos de garras de leopardo  
vendem-me sua desinfectante benção (...)

Efígies de Cristo suspendem ao meu pescoço  
em rodela de latão em vez dos meus autênticos  
mutovanas da chuva e da fecundidade das virgens  
do ciúme e da colheita de amendoim novo.  
(CRAVEIRINHA, 2010, p. 16 e 17)

Ao gabarem-se acerca de serem civilizados, contanto, esses homens esquecem-se da sua própria bestialidade antiprimitivista, sua civilidade animalesca:

E aprendo que os homens que inventaram  
a confortável cadeira eléctrica  
a técnica de Buchenwald e as bombas V2

acenderam fogos de artifício nas pupilas  
de ex-meninos vivos de Varsóvia  
criaram Al Capone, Hollywood, Harlem  
a seita Ku-Klux-Klan, Cato Mannor e Sharpeville  
e emprenharam o pássaro que fez o choco  
sobre o ninho morno de Hiroshima e Nagasaki  
conheciam o segredo das parábolas de Charlie Chaplin  
leem Platão, Marx, Gandhi, Einstein e Jean-Paul Sartre  
e sabem que Garcia Lorca não morreu mas foi  
assassinado  
são os filhos dos santos que descobriram a Inquisição  
perverteram de labaredas a crucificada nudez  
da sua Joana D'Arc e agora vêm  
arar os meus campos com charruas “made in Germany”  
mas já não ouvem a subtil voz das árvores  
nos ouvidos surdos do espasmo das turbinas  
não leem nos meus livros de nuvens  
o sinal das cheias e das secas  
(CRAVEIRINHA, 2010, p.17).

Clara ironia separa o conceito de civilização e primitividade, pois. Em breves explicitações, Buchenwald fôra um campo de concentração nazista na Polônia, famoso por seus abusos; Harlem é bairro de Manhattan povoado por afro-americanos, envolvido em problemáticas sociais; Cato Mannor e Sharpeville envolveram-se em massacres, sob a égide de problemáticas racistas; Ku-Klux-Klan é nome de várias organizações racistas estadunidenses... Ademais, outras situações são bastantes conhecidas por todos, como o “pássaro que fez o choco / sobre os ninhos mornos de Hiroshima e Nagasaki” (CRAVEIRINHA, 2010, p. 17); não se referindo senão às bombas e à radiação, e aos aviões, e à mente dos homens que construíram tais tecnologias. Note-se que toda a civilização, erguida sobre conceitos clássicos desde Platão, entretida pelo glamour da máquina hollywoodiana de alienação, é ela que provoca toda a morte, que provoca os massacres, as chacinas, a pulsão de morte. Ora, que vantagem, que superioridade há na civilidade então? E tal é a complexidade crítica que alcança o poema acerca da submissão do afrodescendente ou africano à civilização, que, a esse cidadão, só se lhe atribui mesmo a marginalidade:

vendem-me (...)  
a vergonha de uma certidão de filho de pai incógnito  
uma educativa sessão de “strip-tease” e meio litro  
de vinho tinto com graduação de álcool de branco

exacta só para negro  
um gramofone de magaiça<sup>5</sup>  
(CRAVEIRINHA, 2010, p. 16).

Tamanha é a submissão, que são obrigados até mesmo ao consumo do que é considerado apropriado e ordenado pelo branco. E tais injúrias seguem-se de uma comparação quase anedótica: “um filme de heróis de carabina a vencer traiçoeiros / selvagens armados de penas e flechas” (CRAVEIRINHA, 2010, p. 17), comparando o selvagem ao mal, da maneira maniqueísta dos filmes hollywoodianos, e o branco, mostrando-se sempre mocinho. E assim encerra a quarta estrofe, a corroborar o pensamento europeu: “e o ósculo das suas balas e dos seus gases lacrimogêneos / civiliza o mau casto impudor africano” (CRAVEIRINHA, 2010, p. 17). Este último verso revela a consciência que tem o poeta da imagem que lhe faz o colonizador, “mau casto”, libidinoso, promíscuo, animal.

Mais uma vez, o poeta clama o sumo de seu ódio, rebatendo o homem branco:

E no colo macio das ondas não adivinham os vermelhos  
sulcos das trilhas negreiras e não sentem  
como eu sinto o prenúncio mágico sob os transatlânticos  
da cólera das catanas<sup>6</sup> de ossos nos batuques do mar.  
(CRAVEIRINHA, 2010, p. 18).

Contanto, embora o ódio lhe turve o pensamento, o poeta revigora-se sempre num chão utópico, de que sente ânsias:

Mas nos verdes caminhos oníricos do nosso desespero  
perdoe-lhes a sua bela civilização à custa do sangue  
ouro, marfim, améns  
e bíceps do meu povo.  
(CRAVEIRINHA, 2010, p. 18).

De qualquer forma, a contradição entre civilidade e primitividade, a inversão do conceito, ou pelo menos sua derrocada, persiste, tal como é comum a poetas como Fernando Pessoa, em seu Alberto Caeiro, e ao filósofo Friedrich W. Nietzsche, que

---

<sup>5</sup> Gramofone de magaiça (ou magaiça) é como fosse, mais próximo à nossa linguagem, uma vitrola de imigrante moçambicano.

<sup>6</sup> Tal como facões.

critica o desenvolvimento da sociedade desde Sócrates, por pautar-se na evolução racional do homem, conduzindo-o a uma moral errônea para fracos. Não se alongando em tais dispersões, voltemos ao poeta moçambicano, que para encerrar seu poema “África” clama o ventre da terra, clama a natureza, o instinto, a masculinidade e o casamento entre forças eróticas de forma pagã, emergindo em brado:

E ao som másculo dos tantãs tribais o eros  
do meu grito fecunda o húmus dos navios negreiros...  
E ergo no equinócio da minha Terra  
o moçambicano rubi do mais belo canto xi-ronga<sup>7</sup>  
e na insólita brancura dos rins da plena Madrugada  
a necessária carícia dos meus dedos selvagens  
é a táctica harmonia de azagaias no cio das raças  
belas como altivos falos de ouro  
erectos no ventre nervoso da noite africana.  
(CRAVEIRINHA, 2010, 0. 18).

Portanto, cabe a nós entender que o lócus enunciativo por que passa o poema de Craveirinha direciona-se, tal qual o de Fanon, ao homem negro. Não é ao branco que ele fala para conscientizá-lo de sua criminalidade, mas ao negro, para este sim conscientizar-se de seu estado e da necessidade de ultrapassá-lo (pela dor eximindo a dor). Já que a brutalidade colonizadora, amparada em conceitos abusivos, deteriorou seu povo e sua cultura. E, disso tudo, tiramos uma reflexão sobre o ranço que ainda acompanha nosso pensamento colonizado, fazendo com que mesmo hodiernamente tenhamos a concepção de erro, e não de diferença, diversidade, o que nos faz ainda julgar povos e costumes, intrometendo-nos em séculos de tradição e convivência, amparados em alguma estúpida verdade absoluta impossível de se averiguar.

## Conclusão

Como vimos, o levante proposto pelo poeta contra as forças dominadoras e repressoras coloniais se estende a uma poesia social e lírica de grande potencialidade, que propõe ou incita à análise junto aos estudos pós-coloniais. Claro está que, no presente intuito, ignoramos outras obras de criação mais tênue, como as do livro

---

<sup>7</sup> Língua nativa moçambicana.

“Maria”, que retratam seu amor pela falecida esposa. De qualquer maneira, mesmo nesse livro, que se pretende apenas lírico, há indícios que transparecem a situação socioeconômica e política por que passa seu povo. Portanto, longe de se esgotar esse assunto, queríamos apenas

incitar maior afinco na leitura deste poeta, que é por nós admirado. E que nos aclara os rumos que devem tomar a nossa e todas as sociedades, em virtude de deteriorar tais pensamentos arrogantes das posições colonialistas, para que jamais cometamos atrocidades como as por ele citadas e combatidas.

Dessa maneira, a pesquisa toma corpo também como alerta à desigualdade, ou à imposição de uma desigualdade não corroborada, não natural. Denuncia um sistema ideológico de dominação e manutenção de poderes que longe está de ter sido extinto, mas ao qual urge sua extinção. Frente à reflexão, pretende-se causar, pois, comoção e indicar a necessidade de resgate de literaturas de tão alto teor que possam estar se perdendo, frente à ignorância, ao ocultamento também ideológico de culturas.

Poesias como a de José Craveirinha, além de nos fazerem crescer em força dentro de nós, incitam-nos à não conformidade, ao desejo de transformação política e social. É da voz dos oprimidos que podemos levantar bandeiras honestas e entender de vez sobre os processos de desigualdade que nos acercam. Pois então, debruçar-se não só no estudo, como na leitura prazerosa de páginas tais pode ser um bom remédio à sociedade, bem como à repressão de nossa alma, negros ou brancos, em face de nossa emancipação.

## Referência

BHABHA, Homi K. **O local da cultura**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1998.

BONNICI, Thomas; ZOLIN, Lúcia Osana (org.). **Teoria literária: Abordagens históricas e tendências contemporâneas**. 3. ed. Maringá: Eduem, 2009.

BRITO, Glória de. **As vozes poéticas de José Craveirinha**. Acessível em: [http://www.pluralpluriel.org/index.php?option=com\\_content&view=article&id=242:as-vozes-poeticas-de-jose-craveirinha&catid=75:nd-6-litteratures-africaines-de-langue-portugaise&Itemid=55](http://www.pluralpluriel.org/index.php?option=com_content&view=article&id=242:as-vozes-poeticas-de-jose-craveirinha&catid=75:nd-6-litteratures-africaines-de-langue-portugaise&Itemid=55). Acessado no dia 18 de Julho de 2014.

CLASTRES, Pierre. **Arqueologia da violência**: pesquisas de antropologia política. São Paulo: Cosac Naify, 2011.

CRAVEIRINHA, José. **Antologia poética**. LEITE, Ana Mafalda. (org). Belo Horizonte: UFMG, 2010.

ELIAS, Norberto. **O processo civilizador**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor Ltda, 1990.

FANON, Frantz. **Os condenados da terra**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1979.